



FAXINFORME

CLIPPING

JORNAL DE
negócios

Tiragem: 16.981

Área: 918cm²/ 32%



Data: 04.06.2012

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Economia

FOTO

Cores: 4 Cores **Pág:**1;28;29

Maior accionista português do BPI alinha no “molho” de confiança do La Caixa



Edgar
Ferreira, da
“holding”
HVF, em
entrevista.
Empresas
28 e 29



FAXINFORME

CLIPPING

JORNAL DE
negócios

Tiragem: 16.981

Área: 918cm²/ 32%



Data: 04.06.2012

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Economia

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:1;28;29

Entrevista Maior accionista português do BPI

EDGAR FERREIRA, ADMINISTRADOR DA HVF

“[La Caixa] pôs ‘molho’ na confiança do BPI”

A HVF, cujos 3% no BPI fazem desta “holding” a maior accionista portuguesa do banco, garante que está na instituição “para sempre” e que deverá ir ao aumento de capital



FAXINFORME

CLIPPING

JORNAL DE
negócios

Tiragem: 16.981

Área: 918cm²/ 32%



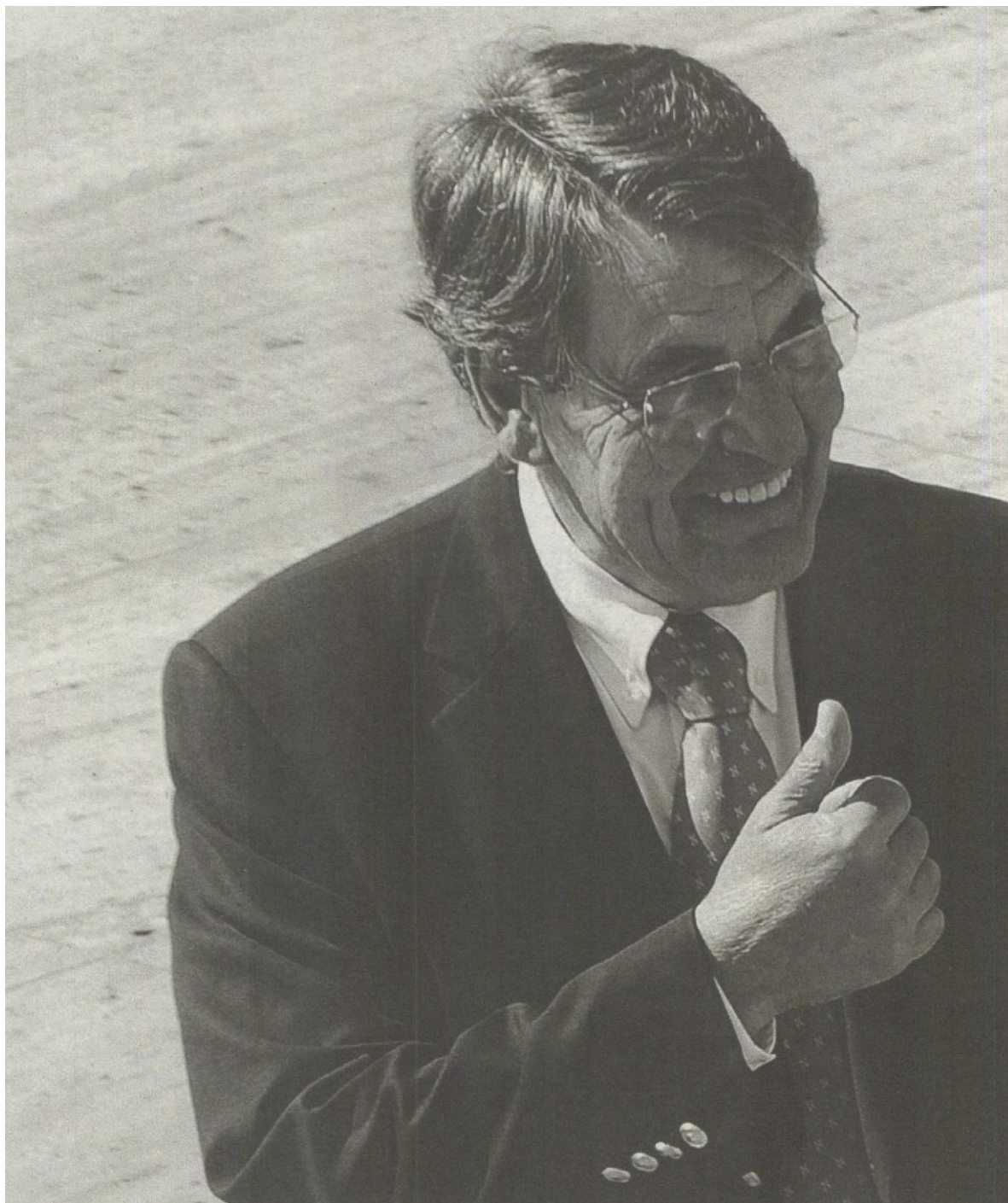
Data: 04.06.2012

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Economia

FOTO

Cores: 4 Cores **Pág:**1;28;29



**FAXINFORME****CLIPPING****JORNAL DE
negócios****Tiragem: 16.981****Área: 918cm²/ 32%****Data: 04.06.2012****Tipo: Jornal Nacional Diário****Secção: Economia****FOTO****Cores: 4 Cores Pág: 1;28;29****RUI NEVES**

ruineves@negocios.pt

Quinta-feira passada, na Casa da Música, à saída da assembleia-geral do BPI, a entrevista possível a Edgar Ferreira, que, em conjunto com a esposa Otilia Violas e o filho Tiago, são donos da HVF, quarta maior accionista do BPI.

A AG do BPI aprovou, por esmagadora maioria, um voto de louvor aos órgãos sociais do BPI, que foi proposto – o que já é uma tradição – pela HVF, “holding” detida pela sua família e que é a maior accionista nacional do banco. Mas porquê desta vez, quando os resultados de 2011 foram claramente maus?

Não me lembro há quantos anos é que a sociedade que eu represento pede este louvor. Mas sempre fez isso, na medida em que o accionista de maior peso [o La Caixa], e eu acho que fez muito bem, pôs “molho” na sustentação dessa confiança [ao tomar a posição do Itaú e revendido 50% a Isabel dos Santos].

Não está arrependido de o senhor e a sua esposa, na altura das partilhas dos activos da família Violas, no final de 2005, terem ficado com a participação no BPI? Afinal, esta posição vale hoje cerca de oito vezes menos...

Não. Eu acho que toda a gente deve contentar-se com os acontecimentos que estão fora de controlo. Eu acho que devemos controlar tudo o que fazemos, mas há que aceitar aquilo que está fora do nosso controlo. A evolução económica evoluiu para isto, sendo que esta parte do grupo [original], que é mais financeira e imobiliária, encaixa justamente nas zonas mais complicadas da crise que atravessamos. Felizmente a outra parte do grupo [liderada por Manuel Violas e que é composta pelas áreas turística, cervejeira e indústria] está noutras

áreas, destacando-se a parte da exportação [leia-se Cotesi], que está francamente melhor...

Mas a Cotesi ficou na outra parte da família...

Eu estou a falar do grupo. O facto de termos feito uma reorganização, não deixa de ser Violas...

Sim, mas os negócios foram completamente divididos. Agora estamos a falar unicamente da HVF...

Não me arrependo de estar à frente da parte que mais está a sofrer com esta crise. É natural, as coisas são mesmo assim.

Mas reconhece que o valor dos activos com que ficaram, e sobretudo a participação no BPI, sofreu uma tremenda desvalorização?

Não há dúvida nenhuma que os actuais valores são incrivelmente baixos. Eu acho até que estão artificialmente baixos, como possivelmente estiveram artificialmente no passado. A ambição humana provoca, em toda a História, estes picos – tudo vai para cima, tudo vem para baixo, tudo vai para cima, tudo vem para baixo. Pode acontecer em qualquer altura.

Mas se soubesse o que sabe hoje, não teriam feito este “negócio”...

Quando se pensa em reestruturar um grupo que tem demasiada diversidade, toma-se determinadas medidas: uns sectores para aqui, outros para acolá, e resolvem-se as situações em determinado momento. Se no momento a seguir, os valores se alteraram, isso não quer dizer que se tenham alterado em termos organizativos. Por aí não há problema nenhum. Se se refere aos que se tornaram, de facto, proprietários de uma zona, terem sofrido mais do que outros, isso não deve provocar qualquer tipo de reacção. Nós não temos qualquer tipo de reacção. A

vida é assim. Até porque nada me diz que daqui a algum tempo não haja uma evolução completamente em sentido contrário.

Está firme na estrutura de capital do banco?

Sim, para sempre!

Vai acompanhar o aumento de capital do BPI?

Se houver um aumento de capital, decidiremos na altura.

Tem liquidez para isso?

Espero que sim. Eu não tenho, nem quero ter, endividamento absolutamente nenhum. Espero ter

capacidade para ir a um aumento de capital.

Está então disponível para isso?

Nada tenho decidido.

Mas se houver, como se espera, vai participar?

Isso decide-se no momento – pode ser amanhã, daqui a um, dois, três, quatro, cinco anos. Ninguém sabe. Você já sabe? Eu não sei... e olhe que estou dentro de conselhos de administração...

E se fosse amanhã?

Se fosse amanhã, possivelmente até dizia que sim.

Para manter a vossa actual participação, certo?

Sim.

Quanto é que a sua família tem no BPI?

Praticamente 3%. A “holding”, onde estão a minha mulher, eu e o nosso filho Tiago, tem 2,8% “e picos”. O restante é detido, a título individual, por mim e pela minha mulher.



FAXINFORME

CLIPPING

JORNAL DE
negócios

Tiragem: 16.981

Área: 918cm²/ 32%



Data: 04.06.2012

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Economia

FOTO

Cores: 4 Cores Pág:1;28;29

PARTILHAS

VIOLAS DESAFINARAM
E DIVIDIRAM A FORTUNA

A união do clã Violas sobreviveu à morte do patriarca, mas desmoronou 15 anos depois. A entrada da terceira geração nos negócios fez desafinar a família. Na origem da cisão, a colisão entre Tiago, o filho único de Otilia Violas e Edgar Ferreira, e Pedro, o filho único de Celeste Violas e Edmundo de Sá. Já os dois filhos de Manuel Violas e Helena (Manuel Júnior, de 18 anos, e Ana Marta, 13), eram muito novos para criar tão pungentes desavenças. E assim, no final de 2005, uma zanga entre primos determinou as partilhas da então quinta família mais rica de Portugal. Celeste e Manuel Violas ficaram com a indústria (Cotesi e Unicer) o jogo (cinco casinos) e o turismo (hotéis), enquanto Otilia encaixou a participação no BPI (perto de 3%) e a área imobiliária. Manuel, o filho varão, tornou-se o todo-poderoso da família depois da morte do pai, em 1991, continuando ainda hoje a presidir ao universo Violas SGPS, que controla com a sua irmã Celeste. Já os activos de Otilia estão agregados na HVF - Holding Violas Ferreira.

Não me
arrependo de
estar à frente da
parte [banca e
imobiliário] que
mais está a sofrer
com esta crise.

[Estou no BPI]
para sempre!
E espero ter
capacidade
para ir
ao aumento
de capital.

Os actuais valores
[do BPI] estão
incrivelmente
baixos. Acho
até que estão
artificialmente
baixos.